



UNICAMP

P14.09

EVENTO: LANÇAMENTO DE DISCO DE MARCUS LLERENA

VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: 07/02/95

PÁGINA: D3

SEÇÃO: CADERNO 2



Marcus Llerena renova repertório de violão

Instrumentista reúne num mesmo disco peças de Marlos Nobre, Radamés Gnattali e jovens autores

ANTONIO GONÇALVES FILHO

O repertório de peças contemporâneas para violão, além de restrito, apresenta como principal dificuldade uma escritura que, muitas vezes, obriga o intérprete a fazer uso de uma bula para decifrar o código do compositor. Com isso as gravações se tornam raras. Uma delas, o registro de quatro autores brasileiros, chega agora às lojas pelo selo Velas: *Première*, do violonista Marcus Llerena, nascido em Santos, criado no Rio de Janeiro e premiado na Europa.

Foi na França, há quatro anos, que ele lançou *Música de Câmara Brasileira Para Violão*, uma reunião de mestres (Villa-Lobos, Guerra Peixe, Ernst Mahle) e discípulo (o próprio Llerena, elogiado pela revista francesa Diapason por sua composição *Aurora*). Agora, em *Première*, ele avança um pouco mais e chega a um novíssimo talento, Márcio Côrtes, precocemente morto, aos 33 anos, num acidente de carro no subúrbio carioca do Méier, há exatamente três anos.

É dele a mais interessante composição do disco, *Verdades* (1978).

Côrtes era sutil e, como homem de orquestra (a Tabajara, de Severino Araújo), não tinha especial gosto pelo exibicionismo. *Verdades* não é uma peça de excessos nem obriga o intérprete a



Llerena: próximo projeto é um duo com a harpista Cristina Braga

grandes malabarismos.

Já a peça de abertura, *Reminiscências* (1991), é mais ambiciosa. Marlos Nobre tinha a evidente intenção de construir uma obra difícil, densa, um desafio para virtuosos.

CÔRTE FOI A
DESCOBERTA
MAIOR DO
VIOLONISTA

Prova disso é que a composição será editada na França e usada num concurso para violonistas em Genebra, segundo Llerena. Dificilmente algum estrangeiro vai dar conta do *Frevo*, o

mais complexo movimento da maratona.

Llerena é um dos amigos mais próximos de Nobre, o que facilita a leitura de suas partituras. "Temos muito em comum e conheço

bem sua obra", diz, lembrando que Nobre é um caso singular, porque seu conhecimento teórico é maior do que sua intimidade com o instrumento. Não era o caso de Radamés Gnattali, que passou a vida inteira cercado de violões. Gnattali, o preferido de Jobim, é homenageado com seus dez belos estudos para violão, escritos em 1967.

Llerena inverteu a ordem desses estudos durante a gravação por uma questão formal. Ele acredita que Gnattali os tenha agrupado de modo um tanto aleatório. O reagrupamento teria, segundo o intérprete, a função de dar uma forma orgânica ao projeto, uma "lógica formal", conforme o violonista.

Llerena também alterou a ordem original das peças em *Reminiscências*, de Nobre, começando pelo *Frevo* no lugar do *Choro*.

O disco tem, ainda, a *Sonatina* (1978) de Marcelo Camargo Fernandes, apresentada pela primeira

vez há três anos na igreja de St. Martin in-the-Fields, em Londres. É uma peça delicada que, em três movimentos, evoca os impressionistas. Aliás, todas as peças foram apresentadas em primeiras audições européias (daí o título do disco, *Première*).

Gravadas na sala Cecília Meirelles, sem efeitos de estúdio, elas conservam certa pureza acústica, mas o som é homogêneo e uniforme demais para um projeto que pretende celebrar a diversidade musical.